



Influência da Propaganda na Automedicação entre a população de Vitória da Conquista

*Monarly Campos Azevedo¹, Rafael Pires dos Santos²,
Ana Carolina Pessoa Moreira Menezes³*

Resumo: A automedicação é uma conduta praticada por boa parte da população, sendo definida como uso de medicamentos sem prescrição médica, no qual o indivíduo determina o fármaco e a dosagem que serão utilizados. Apesar de ser uma ação rotineira, pode apresentar riscos e agravos à saúde, como por exemplo mascarar sintomas de doenças, interações e intoxicações. Essa prática pode ser influenciada pelas propagandas medicamentosas, criadas pela indústria farmacêutica com o intuito de aumentar suas vendas. Neste contexto, o objetivo dessa pesquisa visou avaliar o perfil da prática de automedicação por habitantes de um município do sudoeste baiano e como o marketing influencia em seu comportamento de consumo. Foi realizada uma pesquisa de caráter transversal, de abordagem quantitativa no município de Vitória da Conquista – BA. A coleta foi realizada de forma presencial com 100 participantes durante o mês de outubro de 2022 por meio da aplicação de um questionário contendo 15 perguntas. Os resultados obtidos mostraram que 90% são adeptos a automedicação, sendo 75,5% destes devido à cefaleia. Apesar de 59,8% declararem que prescrição anterior é o principal motivo da automedicação, 42% já compraram medicamentos porque viram em propagandas e 54% acreditam que haja influência da propaganda sobre o consumo de fármacos. Com base nisso, percebeu-se que a prevalência da automedicação na amostra estudada é elevada, o que indica a necessidade de normas mais efetivas sobre marketing farmacêutico, visando a promoção do uso racional de medicamentos.

Palavras chave: Automedicação. Propaganda. Consumo. Saúde pública.

¹ Centro Universitário Maurício de Nassau - Uninassau. monarlycampos@gmail.com;

² Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau. rafa.rps21@gmail.com;

³ Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau. carolpessoa25@gmail.com.

Influence of Advertising on self-Medication among the Population of Vitória da Conquista

Abstract: Self-medication is practiced by a large part of the population as a behaviour, defined as the use of drugs without a medical prescription, in which the individual determines the drug and dosage that will be used by himself. Despite being a routine action, it can present risks and health problems, such as masking diseases symptoms, side effects and intoxications. This practice can be influenced by pharmaceutical industry marketing in order to increase sales. In this context, the objective of this research was to evaluate the profile of the practice of self-medication by inhabitants of a city in the southwest of Bahia and how marketing influences their consumption behavior. A cross-sectional research with a quantitative approach was carried out in Vitória da Conquista - BA. The collection was carried out in person with 100 participants during the month of October 2022 through the application of a questionnaire containing 15 questions. The results obtained showed that 90% are adept at self-medication, 75.5% of these due to headache. Although 59.8% declared that previous prescriptions are the main reason for self-medicating, 42% have already bought medication because they saw it in advertisements and 54% believe marketing influences their drug consumption. Based on this, it was noticed that the prevalence of self-medication in the study sample is high, which indicates the need for different rules on pharmaceutical marketing, aimed at promoting the rational use of medicines.

Keywords: Self-medication. Advertsing. Consumption. Public health.

Introdução

Atualmente, a conduta de grande parte da população é a busca por uma melhor qualidade de vida com a maior longevidade possível, o que leva a buscar uma solução para os problemas através da automedicação. A automedicação é caracterizada como uso de medicamentos sem prescrição médica, onde o indivíduo determina o fármaco e a dosagem que serão utilizados, visando o alívio rápido de sintomas (SOUSA et al., 2008).

Muitas vezes a iniciativa do paciente em buscar automedicação é dada pela certeza de que o medicamento indica melhora no quadro de saúde, entretanto, em geral o usuário desconhece os riscos ligados a esse processo, como por exemplo mascarar sintomas de doenças mais graves, interações medicamentosas, dependência, intoxicação e até mesmo levar à morte (SOUSA et al., 2008).

Essa iniciativa por parte da população em realizar a automedicação é um comportamento que pode estar relacionado com inúmeros fatores, a exemplo da dificuldade de acesso ao sistema de saúde, o aumento da incidência de doenças crônicas, o surgimento de novas doenças,

o hábito de guardar medicamentos e as propagandas de medicamentos isentos de prescrição veiculadas na mídia (ARRAIS et al., 2016).

A propaganda é um método que estimula o consumo de medicamentos, pois engloba um conjunto de técnicas para divulgar conhecimentos e/ou promover adesão a princípios, ideias ou teorias, visando exercer influência sobre o público (LYRA JÚNIOR et al., 2010). Essas propagandas, juntamente com a facilidade de acesso a medicamentos em farmácias e drogarias, dão a impressão de que são produtos livres de riscos. Além disso, estimula o uso indiscriminado, o que nem sempre resulta nos efeitos esperados e expõem os consumidores ao perigo (CERQUEIRA et al., 2012).

Os medicamentos são bens de saúde e não bens de consumo comuns, não podem ser anunciados como produtos de livre mercado, devem ser tratados como instrumentos de promoção, recuperação e manutenção da saúde e bem-estar (ANVISA, 2022).

As indústrias farmacêuticas utilizam a propaganda como artifício de marketing, e não necessariamente como uma ferramenta de disseminação do uso consciente dos fármacos anunciados, enfatizando sempre os benefícios e minimizando os riscos. Isso acaba por estimular o consumo indiscriminado e colocando em risco a saúde pública (CUSTÓDIO et al., 2005). Neste contexto, esta pesquisa visou identificar o perfil da prática de automedicação por habitantes de um município do sudoeste baiano e como a propaganda da indústria farmacêutica influencia em seu comportamento de consumo.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa de carácter transversal, de abordagem quantitativa, realizada no município de Vitória da Conquista, que fica situada no sudoeste da Bahia. O bairro escolhido foi o Centro, tendo em vista que é a região com maior número de população circulante da cidade.

O público-alvo da pesquisa foram mulheres e homens maiores de 18 anos, abordados de forma aleatória e residentes no próprio município. Foram excluídos os candidatos menores de 18 anos ou que não concordassem com os termos da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada durante o mês de outubro de 2022, por meio de um questionário presencial contendo 15 perguntas que abordaram questões socioeconômicas, medicamentosas e propagandistas, sendo duas delas de característica aberta, duas de múltipla

escolha e onze dicotômicas. Vale ressaltar que os participantes não foram obrigados a responder todas as perguntas.

Os dados colhidos foram projetados no Google Forms para obtenção de gráficos e tabelas a fim de discutir de forma mais clara os resultados obtidos.

Foram respeitados os aspectos éticos, constitucionais e legislativos dispostos conforme a Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido prestado aos participantes total esclarecimento sobre objetivos e finalidade do estudo. A concordância e autorização para aplicação e utilização dos dados coletados foi obtida através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes. Essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR) sob o parecer 5.676.116.

Resultados e Discussão

Ao todo concordaram em responder a pesquisa 100 participantes, cujas informações sócio-demográficas estão demonstradas na Tabela 1.

Tabela 1 – Variáveis sócio-demográficas

Variáveis	Percentual
Sexo:	
Feminino	61%
Masculino	39%
Estado civil:	
Solteiro	69%
Casado	26%
Viúvo	0%
Divorciado	5%
Escolaridade:	
Analfabeto	0%
≤ 4ª Classe	9,1%
≤ 9ª Classe	6,1%
Ensino médio	60,6%
Bacharelado	24,2%
Renda familiar:	
Sem renda	10%
Até um salário mínimo	29%
1 a 3 salários mínimos	45%
3 a 6 salários mínimos	12%
6 a 9 salários mínimos	4%
> 9 salários mínimos	0%
Costuma se automedicar:	
Sim	90%
Não	10%

Fonte: Pesquisa de campo aplicada

Como observado na Tabela 1, houve predomínio do sexo feminino (61%), a maioria dos entrevistados com relação a seu estado civil eram solteiros (69%), o nível de escolaridade predominante foi o ensino médio (60,6%) e a renda familiar mais informada foi de um a três salários mínimos (45%).

De acordo com Arrais et al. (2016), o fato da automedicação ser mais comum entre as mulheres se dá pois elas sofrerem mais com dores de cabeça, dores musculares, dores crônicas, cólicas menstruais. Em alusão ao grau de escolaridade, pesquisas apontam que quanto maior o grau de formação maior o nível de automedicação, visto que o acúmulo de conhecimento adquirido torna o indivíduo mais confiante a se automedicar (FREITAS E ZANCANARO, 2012).

A totalidade de participantes que declararam serem adeptos a automedicação foi de 90%, refletindo o quão banalizado está o ato de ingerir medicamentos por conta própria, muitas vezes desconhecendo informações necessárias para administração e eficácia do tratamento.

O hábito de ingerir medicamentos por conta própria é muito frequente na população, de modo que a ocorrência de dores e o interesse em tratar queixas de saúde fazem do paciente um usuário contumaz de medicamentos sem indicação ou prescrição médica (ANASTÁCIO, 2013).

A dificuldade de acesso aos serviços de saúde, seja pela demora na lista de espera por uma consulta ou pelo alto custo, favorece o crescente consumo de medicamentos, conseqüentemente é mais fácil comprar um medicamento em uma farmácia para alívio imediato dos sintomas, do que agendar uma consulta (SILVA, 2014).

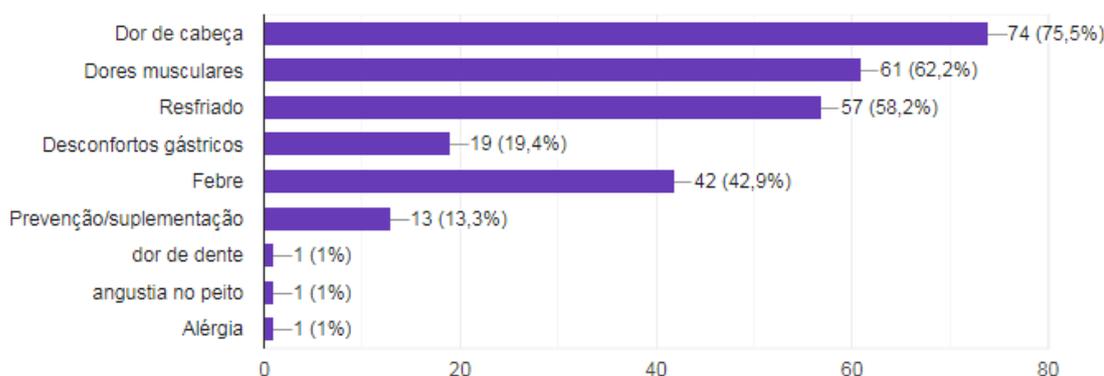
Dos 100 entrevistados 75 acreditam que a automedicação pode trazer riscos à saúde, enquanto 24 acreditam que talvez e 1 acredita que não há riscos em se automedicar.

Ao realizar a automedicação as pessoas sempre visam utilizar determinado medicamento de maneira correta, contudo, muitas vezes a busca pelo alívio dos sintomas acaba acarretando em problemas relacionados aos medicamentos (PRM), visto o quão pequena a probabilidade de o usuário conseguir acertar o medicamento apropriado para sua necessidade, na dosagem correta e no tempo de tratamento adequado. Demonstrando assim que os riscos de se automedicar são inúmeros, não está ligado apenas a reações adversas, mas também a interações medicamentosas, interações medicamento/alimento, intoxicação e a dependência à substância.

A falta de conhecimento sobre os fármacos leva a uma administração errônea por parte do paciente, podendo alterar a sua dose, via de administração e duração do tratamento (JOAQUIM, 2011).

Segundo os dados publicados pelo Sistema Nacional de Informações Toxicofarmacológicas (SINITOX), em 2017 os medicamentos foram responsáveis por 27,11% das intoxicações, totalizando 26.637 ocorrências.

Gráfico 1 – Principais sintomas relatados pelos entrevistados ao recorrer a automedicação.



Fonte: Pesquisa de campo aplicada

Por outro lado, o questionário permitiu traçar um perfil com os principais sintomas que influenciaram sua busca por automedicação, como observado no Gráfico 1. Os principais sintomas apresentados para recorrer a automedicação são cefaleias (dores de cabeça), mialgia (dores musculares), resfriado, febre, desconforto gástrico, entre outros.

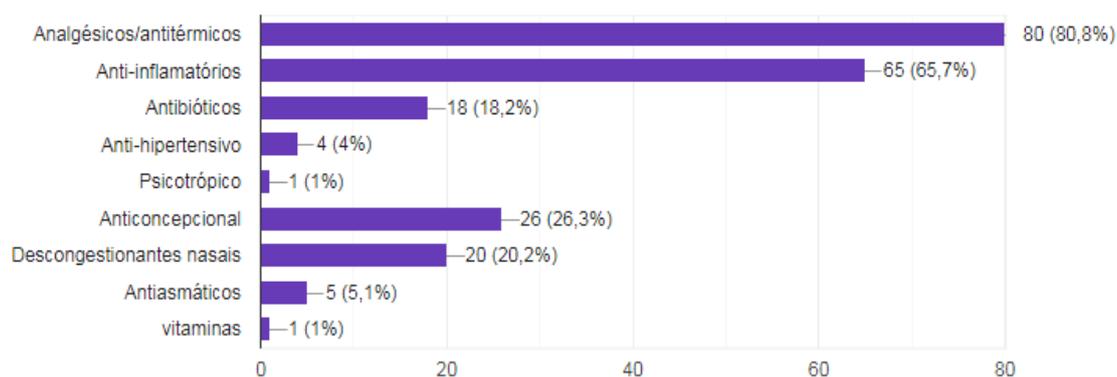
Em diversos estudos realizados no Brasil, é evidenciado que o ato da automedicação está diretamente relacionado com a presença de sintomas de característica aguda como dor e febre (VITOR et al., 2007).

Conforme um estudo realizado por Arrais et al. (2016), alguns dos sintomas mais comuns para recorrer a automedicação são os sintomas dolorosos, como cefaleia, mialgia, cólica, entre outros. O mesmo pode ser observado em outras pesquisas realizadas por Gonçalves Júnior et al. (2017) e por Freitas e Zancanaro (2012).

A procura pelo alívio da dor é uma ação compreensível e natural dos seres humanos, porém, é necessário que tenhamos ciência que nenhum fármaco é dotado de propriedades milagrosas e que seu uso também consiste em possíveis riscos ao usuário, dos quais um deles é a possibilidade de mascarar patologias.

A cefaleia, principal influenciador da prática de automedicação pode ser um sinal ou sintoma relacionado a outro problema de saúde mais grave e que pode requerer cuidados e/ou tratamento específicos, como por exemplo, a hipertensão arterial (SOUSA et al., 2008).

Gráfico 2 – Classes de medicamentos mais utilizados pelos entrevistados



. Fonte: Pesquisa de campo aplicada.

No Gráfico 2, pode ser observado que a classe medicamentosa mais utilizada entre os entrevistados são os analgésicos e antitérmicos (80,8%) utilizados para tratar dor e febre, o que ratifica a dor como o principal agente indutor do uso de medicamentos por conta própria entre os integrantes do estudo, podendo ser correlacionado com o Gráfico 1.

Os analgésicos usados para aliviar a dor também tratam os quadros febris de doenças virais, bacterianas ou inflamatórias. Assim como os anti-inflamatórios não esteroidais que possuem múltiplas ações: analgésica, antipirética e anti-inflamatória (ARRAIS et al., 2016)

Em uma pesquisa realizada por Matos et al. (2018) foi observado que os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos/antitérmicos, seguidos pelos antigripais e pelos anti-inflamatórios, ressaltando que o consumo elevado desses medicamentos é favorecido pela facilidade da sua aquisição.

Foi constatado que a maioria dos partícipes fazem uso de mais de uma classe de medicamentos, o que pode ocasionar interações medicamentosas, causando redução ou potencialização do efeito da substância ativa no organismo, levando a um aumento dos efeitos adversos.

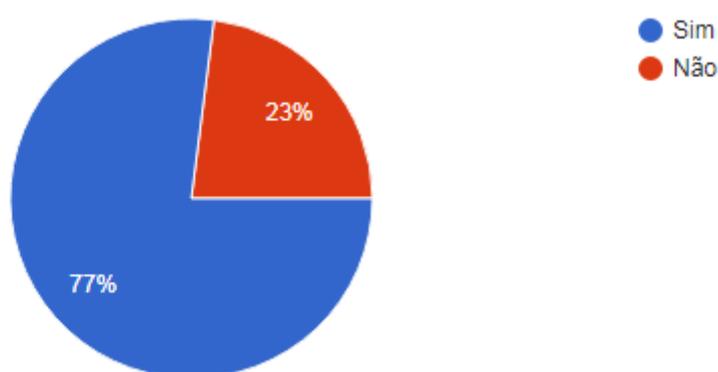
Embora a grande maioria dos medicamentos utilizados na automedicação serem isentos de prescrição médica, isso não significa dizer que não há a possibilidade de danos à saúde do usuário. Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) e os analgésicos podem causar distúrbios gastrointestinais, toxicidade hepática, reações alérgicas e efeitos renais (ARRAIS et al., 2016).

Foi verificado na pesquisa um número surpreendente de pessoas que são adeptas a antibioticoterapia sem prescrição médica. Segundo as respostas obtidas no estudo 18,2% dos participantes fazem ou já fizeram consumo de antibióticos sem antes terem consultado um

profissional capacitado para realizar as devidas avaliações e prescrição do tratamento. O que pressupõe que os indivíduos utilizaram sobras de antibióticos prescritos anteriormente ou adquiriram a medicação através de métodos irregulares, como receitas já aviadas ou sem apresentação da mesma. Segundo a RDC nº20, de 2011 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), os antibióticos só podem ser adquiridos com receita médica.

Outro parâmetro avaliado foi quanto a busca por orientação farmacêutica antes de comprar um medicamento, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Percentual da busca de orientação com o farmacêutico



Fonte: Pesquisa de campo aplicada.

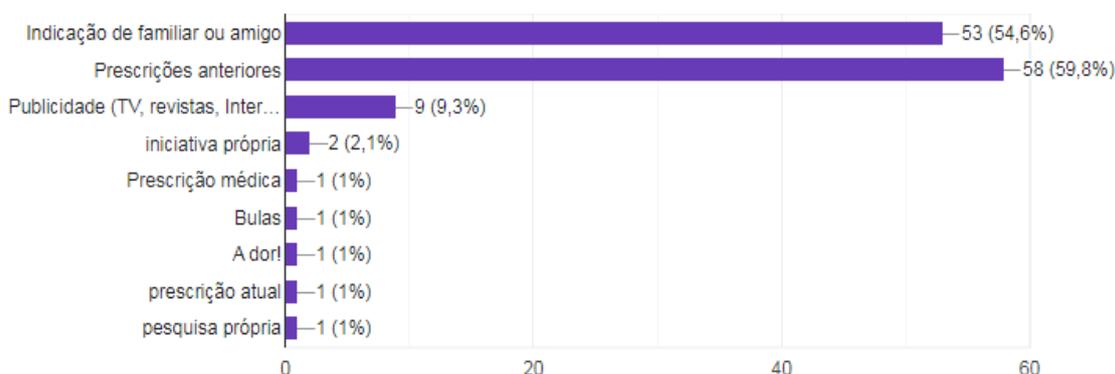
Dentre os entrevistados 77% afirmaram buscar orientação, contra 23% que responderam negativamente. Os dados demonstram que em alguns casos mesmo não tendo passado por atendimento médico ou dentista, houve aqueles que não procuraram por orientação farmacêutica.

A automedicação orientada pelo farmacêutico é vista como parte integrante do sistema de saúde, uma vez que o farmacêutico é o profissional de saúde habilitado para avaliar as queixas do paciente (sintomas e sinais), indicando um medicamento de venda livre e esclarecendo também todas as informações necessárias sobre os fármacos, como por exemplo a posologia, dose e o modo de administração (JOAQUIM, 2011).

Logo, torna-se indispensável para o farmacêutico ter a noção exata de seu conhecimento e dos limites de sua ação no processo saúde-doença para que assuma a conduta correta, no momento apropriado, avaliando a situação do doente, orientando-o, se necessário, a uma consulta médica ou ao hospital, em caso de urgência (ZUBIOLI, 2000).

Em muitos casos a falta da procura por orientação do farmacêutico se dá pelo fato do indivíduo já chegar a farmácia com o medicamento em mente, geralmente, por ter sido influenciado por algum dos motivos citados no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Motivos relatados pelos entrevistados para fazer uso de determinado medicamento



Fonte: Pesquisa de campo aplicada.

De acordo com o Gráfico 4, é observado a prevalência do uso de medicamentos baseados em prescrições anteriores (59,8%), essa preferência é geralmente proveniente do sucesso terapêutico atingido com um fármaco já utilizado para tratar algum sintoma recorrente. Além disso, é observado que a indicação por grau de parentesco e ou proximidade afetiva tem grande relevância na escolha de um medicamento (54,6%). Logo em seguida fica a publicidade, sendo ela por meio de internet, tv, rádio, revistas, etc. (9,3%).

Em concordância, uma pesquisa realizada por Silva (2014) a reutilização de medicamentos prescritos anteriormente ocupa o percentual de 53%. Vieira e Perassolo (2011) salientam a prática da automedicação associada a prescrições antigas, por conta própria ou por indicações de terceiros.

O hábito de guardar medicamentos e receitas antigas colabora para automedicação ou para indicação a terceiros, pois muitos acreditam que se determinado fármaco e dosagem foi eficaz para um indivíduo, conseqüentemente pode ser indicado para outros (Ferreira, 2021).

Tabela 2 – Variáveis sobre relação da automedicação com propagandas

Questões aplicadas	Sim	Não
Já comprou algum medicamento por ter visto em propagandas:	42%	58%

Acredita que a automedicação tem relação com as propagandas medicamentosas:	54%	46%
Acredita na eficácia dos medicamentos que aparecem nas propagandas:	63%	37%
Acredita que uma regulamentação mais rigorosa referente às propagandas medicamentosas traria mais benefícios para população:	81%	19%

Fonte: Pesquisa de campo aplicada.

Embora no Gráfico 4 a propaganda tenha sido referida por apenas 9,3% dos entrevistados como motivo de terem adquirido algum medicamento, 42% afirmam já terem realizado a compra de um fármaco por terem visto em propagandas.

Em uma questão dissertativa foi perguntado se lembravam de alguma propaganda medicamentosa que tivessem visto ou ouvido em algum veículo de comunicação, entre as mais lembradas estavam Dorflex (28,6%), Doril (21,4%) e Neosaldina (14,3%).

Isso corrobora com a narrativa de que a propaganda medicamentosa é uma das principais influenciadoras para automedicação, visto que os medicamentos liberados para as propagandas são aqueles isentos de prescrições, em sua grande maioria, são medicamentos para alívio da dor, que como já mostrado nesse estudo, é o principal sintoma para recorrer à automedicação.

Em uma pesquisa realizada por Matos et al. (2018), foi verificado que a utilização de medicamentos influenciado por propagandas aumenta em 1,2 vezes a prevalência da automedicação. E 45,2% dos entrevistados já utilizaram algum medicamento por influência da propaganda.

A indústria farmacêutica, por sua vez, sabendo das necessidades e da busca imediata do alívio de sintomas por meio da população, investe significativamente em propagandas. Soares (2007) aponta que as indústrias gastam em média 35% do valor das vendas em publicidade e marketing.

Torres et al. (2018), pontua que a mídia televisiva é a mais procurada pelo marketing farmacêutico, por ser mais abrangente e promover um melhor retorno financeiro, podendo influenciar de forma significativa os usuários de medicamentos.

Quando perguntado qual a opinião sobre a influência da propaganda de medicamentos na persuasão do público, 54% responderam que acreditam que a prática de se automedicar está

relacionada a propagandas medicamentosas. O mesmo pode ser observado no estudo de Gonçalves Júnior et al. (2017), 67,6% reconhecem que a prática de se automedicar tem relação com às propagandas publicitárias.

A propaganda ao divulgar medicamentos isentos de prescrição como produto de consumo induz a impressão de segurança, de que não há riscos, que por sua vez leva à automedicação e por fim pode acarretar num aumento da quantidade de pacientes no sistema saúde (Batista et al., 2013).

Dos entrevistados, 63% acreditam na eficácia dos medicamentos vistos em propagandas, isso evidencia a importância de um olhar mais crítico sobre a forma como são exibidas as propagandas atualmente, levando em consideração o impacto que ela tem sobre a população.

Por fim foi questionado se acreditavam que adoção de regulamentações mais rigorosas para a produção e divulgação de publicidades relacionadas a medicamentos seriam benéficas a população como um todo, o resultado foi uma aprovação de 81% por parte dos participantes do estudo.

O mesmo pode ser observado em um estudo realizado com universitários em João Pessoa, no qual 96% dos entrevistados acreditam no benefício de regulamentações mais rigorosas, levando em conta que as propagandas medicamentosas estão em contradição com a Política Nacional de Medicamentos, a qual afirma que o uso de produtos farmacêuticos deve ser feito de forma racional, eficaz e segura (TORRES et al., 2018). Reafirmando a necessidade de leis mais rigorosas e fiscalizações mais efetivas no que tange as propagandas visando a proteção do consumidor.

Considerações Finais

Por meio desse estudo foi possível observar o alto número de pessoas adeptas a automedicação e a relevância das propagandas medicamentosas no incentivo desses padrões de consumo. Os medicamentos isentos de prescrição (MIP's) foram, em grande maioria, os fármacos de escolha da população para tratar seus sintomas, uma vez que são medicamentos de fácil acesso e os únicos permitidos em peças publicitárias.

É sabido que não há como eliminar a automedicação entre a população, mas é possível minimizar. Isso traz à tona a necessidade de uma participação efetiva do farmacêutico, principalmente como educador, se fazendo presente perante as queixas dos pacientes e

auxiliando da melhor maneira no uso consciente e correto dos fármacos, reduzindo os riscos do consumo elevado.

O estudo pôde constatar também que a propaganda medicamentosa comprovou ter influência sobre os participantes da pesquisa, tanto no convencimento, na aceitação e no uso do fármaco apresentado, isso ocorre principalmente pelo modo persuasivo e tendencioso da indústria farmacêutica, que descreve o medicamento como um bem de consumo salientando benefícios e ausentando possíveis riscos ao usuário, atitude que leva ao uso indiscriminado.

Embora haja regulamentações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária sobre propagandas medicamentosas não há orientações para aqueles que os utilizam, e por isso algumas ações podem ser tomadas visando o benefício da população, como atualização das leis de controle vigentes, além de estratégias de monitoração e fiscalização, campanhas de conscientização da população sobre os riscos da automedicação, atuação mais frequente do farmacêutico, principalmente em políticas públicas, além do incentivo a práticas e hábitos de vida saudáveis.

Referências

ANASTÁCIO, D.L. **Avaliação da automedicação e a influência da propaganda sobre o consumo de medicamentos no município de Araranguá/SC**. 2013. 116p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Consumo de medicamentos: informação é o melhor remédio**. 2022 Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/noticias>>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

ARRAIS, P.S.D., et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev Saúde Pública**.2016;50(supl 2):13s Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rsp/a/PNCVwkVMbZyWvKN9b4ZxRh/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 30 de setembro de 2022.

BATISTA A.M, CARVALHO M.C.R.D. Avaliação da propaganda de medicamentos veiculada em emissoras de rádio. **Ciênc. Saúde Coletiva** 2013.18(2): 553 - 561. Disponível em: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/avaliacao-da-propaganda-de-medicamentos-veiculada-em-emissoras-de-radio/8562?id=8562>>.Acessado em 18 novembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução - RDC n°20, de 05 de maio de 2011**. Dispõe sobre o controle de medicamentos à base de substâncias classificadas como antimicrobianos, de uso sob prescrição, isoladas ou em associação, maio de 2011. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2011/rdc0020_05_

05_2011.html. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

CERQUEIRA, G. S.; OLIVEIRA, T. S. C.; CASIMIRO, T. S. Perfil da automedicação em acadêmicos de Enfermagem na cidade de João Pessoa. **Rev. Medicina**, Ribeirão Preto, 45:5-11, 2012.

CUSTODIO, B.; VARGAS, S.L.Z. **Propaganda de medicamentos Medicamentos e lucro: uma associação pouco saudável**, 2005. 69p. Monografia (Especialização em Vigilância Sanitária de Medicamentos). Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, I.S.; CARVALHO, C.J.S. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. **Brazilian Journal of Development**. [S. l.], v. 7, n. 5, p. 47642–47652, 2021.. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29676>. Acesso em: 19 nov. 2022.

FREITAS, K.; ZANCANARO, V. Prevalência de Automedicação na população do município de Fraiburgo (SC). **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, 2012; 1(1): p.38-58.

GONÇALVES JÚNIOR, J., et al. Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte. **J.Health Biol Sci**. V.6, p.152-155, 2017.

JOAQUIM, M.R. **Automedicação versus indicação farmacêutica**. 2011. 72p. Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade do Algarve, 2011

LYRA JÚNIOR, D.P., et al. Influência da propaganda na utilização de medicamentos em um grupo de idosos atendidos em uma unidade básica de saúde em Aracaju (SE, Brasil), **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 3497-3505, 2010.

MATOS, J.F. et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. V.26. p.76-83, 2018.

SILVA, A.L.S. **Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia, em uma instituição de ensino superior, no município de João Pessoa – PB**. 2014. 50p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Universidade Federal da Paraíba, 2014.

SINITOX. **Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. FIOCRUZ. 2017. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

SOARES, J.C.R.S. Quando o anúncio é bom, todo mundo compra: o Projeto Monitoração e a propaganda de medicamentos no Brasil. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. V.13(Sup):641-649. Maio de 2007.

SOUSA H. W.; SILVA J. L.; NETO S.M. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**. V.1, p.67-72, 2008.

TORRES, L.V.; SERRANO, R.M.S.M.; COELHO, H.F.C. Influência da publicidade sobre o consumo de medicamentos numa comunidade universitária de João Pessoa – PB. **Revista de Ciência da Saúde Nova Esperança**. 16(3). p. 7-18, 2018.

VIEIRA, J. K. F.; PERASSOLO, M. S. Avaliação do conhecimento sobre uso correto e cuidados com medicamentos em cuidadores de pacientes na unidade pediátrica de um hospital. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 8, n. 3, p. 10-25, 2011.

VITOR, R.S; LOPES, C.P.; MENEZES, H.S.; KERKHOFF, C.E. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. V.13, p.737-743, 2007. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/padrao-de-consumo-de-medicamentos-sem-prescricao-medica-na-cidade-de-porto-alegre-rs/1840?id=1840>. Acesso em 05 de novembro de 2022.

ZUBIOLI, A. O farmacêutico e a automedicação responsável. **Pharmacia Brasileira** - Set/Out 2000.

•

Como citar este artigo (Formato ABNT):

AZEVEDO, Monarly Campos; SANTOS, Rafael Pires dos; MENEZES, Ana Carolina Pessoa Moreira. Influência da Propaganda na Automedicação entre a população de Vitória da Conquista. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2023, vol.17, n.65, p. 383-396, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/11/2022; Aceito: 30/11/2022; Publicado em: 28/02/2023.